

O laborismo no poder e a evolução do sindicalismo inglês

A



As penúltimas eleições gerais na Inglaterra, sendo governo o partido conservador, deram o segundo lugar em representação parlamentar ao partido trabalhista. Assim em 1924 assistiu-se a este facto inesperado: — o partido trabalhista ascendeu às cadeiras do poder. Alguns meses apenas se pôde ali manter pois a maioria parlamentar era composta de conservadores e liberais. Nestas condições Mac Donald não tentou nem podia tentar dar execução ao programa do seu partido na parte referente à nacionalização de algumas indústrias como as minas e os caminhos de ferro. O problema dos desempregados, obsidiante na Inglaterra, não sofreu alteração em sentido favorável, e o governo trabalhista teve a infeliz ideia de pedir crédito ao Parlamento para a construção de cinco cruzadores com o pretexto de manter o trabalho nos estaleiros, pedido a que os liberais ironicamente responderam votando os créditos pedidos com a diferença de que deveriam ser aplicados na construção de casas económicas. O golpe foi de mestre. A política externa não sofreu alteração sensível mantendo o governo trabalhista os pontos de vista tradicionais do imperialismo inglês. A absolver Mac Donald ou, pelo menos, a atenuar as suas responsabilidades há um facto honroso. Foi Mac Donald quem com o chefe do governo francês Herriot elaborou o famoso Protocolo apresentado e debatido na assembleia de Genebra em 1924 que pretendia estabelecer a paz, a segurança e o desarmamento entre as nações, mas que tinha o defeito de ser inexecutível, como se provou, dados os antagonismos e ambições dos grandes Estados.

A ascensão do partido trabalhista ao poder trouxe como consequência a divisão do Labour Party em duas fracções — direita e esquerda. A esquerda era de opinião que se não devia aceitar o poder, visto que a divisão das forças parlamentares não permitiria ao Labour Party realizar o seu programa. Assim sucedeu e não se pode negar que era a esquerda quem tinha razão. A fracção esquerdista não deixou de ganhar terreno depois da queda do governo do partido trabalhista.

Mas a evolução à esquerda do trabalhismo, assumiu ainda nos últimos dias maiores proporções. Como se sabe, os sindicatos ingleses são aderentes ao Labour Party. Os sindicatos ingleses enviaram à Rússia uma delegação que veio para Inglaterra animada do propósito de, sem conjunção com os sindicatos russos, trabalharem pela constituição duma só Internacional Sindical.

O último congresso sindical inglês que funcionou em Scarborough foi, pelas suas resoluções, um acontecimento que há de exercer uma grande influência em todo o movimento operário internacional. O congresso foi uma retumbante vitória dos esquerdistas.

A primeira batalha entre a direita e a esquerda travou-se a propósito do plano Dawes aplicado pela finança inglesa e americana à Alemanha quando Mac Donald era chefe do governo inglês. Pollett, um delegado da esquerda, acusou Mac Donald como sendo um dos executores da escravidão do operariado germânico. O congresso levantou-se em aplausos prolongados.

Mas o mais importante foi a discussão sobre o imperialismo. Os esquerdistas apresentaram a seguinte moção:

«O congresso declara a sua completa oposição ao imperialismo e decide: 1.º sustentar os operários de todas as partes do império britânico nos seus esforços tendentes à organização dos seus sindicatos de resistência e bem assim reconhece a todos os povos dos chamados domínios britânicos o direito de se governarem a si mesmos, compreendido o direito de se separarem do império.»

Esta resolução foi votada por 3.082.000 votos contra 70.000.

Foi um passo decisivo dado pelo proletariado inglês para a esquerda. Mas mais importante ainda foi a solu-

ção provisória dada ao conflito dos mineiros. Estes, perante a ameaça duma redução dos salários, dispunham a ir para a greve levando consigo os ferro-viários, os trabalhadores dos portos e os metalúrgicos, o que elevaria o número dos grevistas a mais de dois milhões. O objectivo da greve era a nacionalização das minas. O conflito assumia proporções graves pois ninguém duvidava que uma tal greve seria o início da revolução na Inglaterra. O governo inglês não se quis aventurar a esta batalha decisiva e nas vésperas da greve concedeu à indústria carvoeira, que atravessa uma crise aflitiva em virtude da concorrência do carvão alemão e americano que se vendem a preços mais baixos, um subsídio de dez milhões de libras esterlinas para que os industriais mantivessem os salários existentes. Assim se evitou a greve que não deixou todavia de constituir uma soberba vitória operária em que se distinguiu Cook, o secretário da Federação dos Mineiros.

Para resolução definitiva do assunto foi nomeada uma comissão que deverá apresentar o seu parecer em maio próximo. Os mineiros é que não confiam nos resultados dos trabalhos desta comissão e continuam a preparar a batalha para maio.

A vitória dos mineiros causou uma profunda impressão entre os conservadores ingleses que dizem que os sindicatos se sobrepõem ao Estado e que são eles quem governa a Inglaterra. A imprensa por seu lado não se mostra menos alarmada com o rumo que as cousas estão tomando em Inglaterra, esperando que os acontecimentos de maio próximo assumam graves proporções.

Lloyd George escreve que Cook fez mais em algumas semanas do que Mac Donnald nos seus oito meses de governo e diz ainda que o operariado inglês está desiludido da democracia burguesa que não tem dado os resultados que se esperava, e que se a burguesia recua uma segunda vez os sindicatos operários substituirão automaticamente o governo parlamentar.

Estas palavras do antigo chefe do governo têm uma alta significação e retratam bem o estado da situação inglesa.

O sindicalismo inglês evolue a passo acelerado no sentido revolucionário. Homens como Thomas e Clynes que gosavam dum assinalado prestígio nas massas operárias, são hoje desprezados pelas suas tendências reformistas e impedem-nos até de falar nas assembleas públicas.

Os principais chefes do movimento operário inglês são hoje os esquerdistas como Purcell, Bromley, Cook, Pollétt, Tom Maun, Ben Tillett, Gallacher e outros.

A-propósito de uma crítica

(Conclusão da 1.ª página)

ranys e tupinambás e índios hindus. Pretende-se frequentemente avaliar os efeitos do domínio português na Índia pela colonização do Brasil. Ora a verdade é que nenhuma homogeneidade de condições existe entre uns e outros pois na Índia nunca houve uma verdadeira colonização.

A política colonial portuguesa na Índia foi essencialmente comercial, visou unicamente o predomínio dos mares. Nisto seguiu a orientação de D. Francisco de Almeida talvez mais conhecedor do que o seu gigantesco rival, do exclusivismo racialista dos hindus estratificado em rígidos preceitos de religião. O Império Luso-Indiano, com a fusão das duas raças, sonhada por Albuquerque, foi uma miragem fugidia que não passou da célebre e cômica ceia, bem conhecida, após a qual ele fechou na mesma sala soldados portugueses e bailadeiras nativas mandando depois apagar as luzes...

E como esperar outro resultado tratando-se dum povo que para evitar a amálgama étnica engendrava o próprio sistema das castas e se regia pelas leis daquele formidável manú que dissera que a pureza da raça era uma joia inestimável que a nação devia conservar a todo o custo? Como convencer os orgulhosos filhos de Brahma a cederem as suas filhas a longínquos aventureiros, eles que as não cediam aos seus próprios irmãos das outras castas?

A afirmação do sr. Maia é somente aplicável em Goa a uma comunidade *restritíssima* e quasi em via de extinção, os *mestiços*. Afora estes, se alguma *comisturação* existe é nas terras das bailadeiras mas os filhos destas, nados e criados em meios puramente hindus, encontram-se completamente divorciados de todo o influxo ocidental, não servindo portanto para o sr. Maia basear neles a sua teoria da ilegitimidade da propaganda separatista.

V — *A civilização dos goeses reflete a da metropole distanciando-se da indiana...*

Mais um exemplo do comparativismo *sui generis* que caracteriza a lógica do sr. Maia.

É erróneo procurar avaliar-se a civilização dos goeses todos pela pequena comunidade goesa residente em Portugal e feita quasi exclusivamente de cristãos. Mas estes se são ocidentalizados perfeitos é porque a isso os obrigou a vida numa sociedade estranha onde precisam de vencer e ser compreendidos. Não assim os seus 250.000 conterrâneos da mesma religião que vivem no seu meio próprio e nos quais a ocidentalização se deu muito superficialmente: no traje, no credo e em certos costumes...

E se volvermos os olhos para os outros 250 mil, os hindus, que formam actualmente a comunidade mais forte e mais progressiva vemos que, ao contrário do que se pensa, a sua situação é tão semelhante à dos hindus dalem Gates que a fronteira que se interpõe